

## **A EXPERIMENTAÇÃO DO RISCO E DA PRECARIEDADE NA ATUAÇÃO: OS PEQUENOS BURGUESES - UM ESPETÁCULO-LABORATÓRIO<sup>1</sup>.**

Vinicius Colla dos Santos<sup>2</sup>, André Luiz Antunes Netto Carreira<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Ambiente, atuação teatral e cena expandida iberoamericana.”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Teatro. – CEART – Bolsista PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Orientador(a), Departamento de Artes Cênicas. – CEART – andre.carreira@udesc.br

O presente resumo tem por objetivo relatar a principal experimentação realizada nos últimos seis meses no Laboratório de Atuação ÁHQIS, isto é, o processo experimental com o espetáculo-laboratório “Os Pequenos Burgueses”. Esta pesquisa se relaciona com um princípio técnico proposto por André Carreira, que considera a atuação como uma prática precária, pois o centro da atuação se daria quando se experimenta o próprio fazer como principal matéria do processo criativo, ou seja, este seria sempre um processo precário, constantemente inacabado.

A partir do desejo de participantes do grupo de pesquisa, e com o fim de trabalhar a atuação em um estado de risco e precariedade, o orientador do grupo de pesquisa André Carreira coordenou a realização de um exercício já experimentado pelo grupo em 2013. Agora com outro elenco, “Os Pequenos Burgueses”, tomando o texto original de Máximo Gorki com adaptação de André Carreira, é um espetáculo-laboratório, isto é, um espetáculo cujo princípio não é ensaiar para apresentar um produto final, e sim desfrutar do processo como um todo, a fim de tirar o peso que é uma apresentação com o público, pois aqui encontramos um lugar de vulnerabilidade para as atrizes em cena. O público tendo ciência de que estamos fazendo um experimento, um laboratório de atuação, o sentimento de que a apresentação deve ser um grande sucesso se esvai.

Este exercício, que faz parte da trajetória do grupo, tem como base o fato de que as atrizes e atores memorizam o texto e apresentam a peça sem ensaio ou marcações prévias. Isso é realizado em um espaço cênico imersivo que representa uma casa quase que realista. Transformamos um espaço cênico do Centro de Artes da UDESC, substituindo os acentos do público por sofás e poltronas, uma mesa com comidas reais, quadros de família, uma televisão, entre outros elementos que remetem aos cômodos de uma casa. A ideia era chegar o mais próximo de uma casa como espaço íntimo com uma sala de estar. As coxias viraram corredores e a iluminação vinha apenas de abajures, e assim a caixa preta da universidade se transformava em uma pensão de uma família decadente.

O público assiste tudo de dentro da cena, mas os atores não podem interagir diretamente com a audiência. Aqui já encontramos um risco que poderia comprometer a peça: o espetáculo não é interativo, entretanto, caso a atriz decida que irá atuar olhando para um espectador, isso poderia ser entendido como um convite a participar da cena, como em 2013 já ocorreu. Eventualmente seria necessária uma improvisação para seguir com o texto. O experimento se constrói a partir de desejos e pesquisas de cada atriz, portanto não tivemos ensaio, e durante os encontros preparatórios era feita apenas a leitura do texto, e exercícios de memorização, com o cuidado para não criar cenas, mas sim um jogo que pudesse ser sustentado até o fim da apresentação, com o elenco, em sua maioria, dentro da cena a todo momento.

Destarte, a “estreia” de Pequenos Burgueses (entre aspas, afinal não era de fato uma estreia e sim o compartilhamento de um experimento com o público) levou a diferentes caminhos e

reflexões. Foram três dias seguidos de apresentações, cada um dos dias com um resultado particular, tanto em energia de atuação, quanto em “marcações” de cena. No primeiro dia de apresentação havia um certo nervosismo em prever se daria tudo certo, e foi possível perceber que um principal foco que era não errar o texto, ou seja os corpos mantiveram uma concentração maior dentro de si, tentando manter o texto na ponta da língua deixando menos espaço para se produzir jogos. Entretanto, isso não significou que as atrizes estavam vazias em cena, mas sim que produziram um nível de jogo mais baixo comparado com as apresentações seguintes, e com a própria capacidade coletiva de jogar experimentada nos encontros semanais do Laboratório. No segundo dia as atrizes já se encontravam mais confortáveis dentro do espaço cênico, e o texto estava mais natural, com isso, inserimos uma cena de dança no meio da peça, que não foi ensaiada, o que podia ser um desastre, ou no máximo uma cena divertida, inclusive no terceiro dia de apresentação a mesma cena não aconteceu, por conta do aparelho de DVD não ter ligado. Mesmo assim, tivemos que seguir. Em outro dia, uma das atrizes surpreendeu o grupo dando seu texto inteiro em espanhol, algo que produziu tanto na cena quanto nas atrizes uma diferente qualidade de atuação ao assistir a colega falando em outra língua. Os relatos das atrizes e atores mostram que, em sua maioria, o elenco se sentiu mais confortável em cena ao passar dos dias. Acrescento aqui, dois relatos da experiência de atores que participaram da peça:

Winicius Michels: “Não ter ensaios ou qualquer marcação espacial e em simultâneo o contato próximo do público, se tornaram, para mim, uma camada a mais de dificuldade na atuação. Isso me instigou a explorar ao máximo minhas capacidades de jogar com os colegas e ao mesmo tempo me desafiar a cumprir com objetivos pessoais que coloquei em cada apresentação. Nada de muito complexo, mas desafios como fazer o público se movimentar mais, explorar melhor o cenário, criar relação com personagens diferentes e ter mais consciência de tornar o acontecimento do acaso como dispositivo de pesquisa e experimento na atuação.”

Ana Laura Fabro: “Viver a experiência do processo dos Pequenos Burgueses foi um desafio que em mais de 10 anos de teatro eu não sentia, o ato de não ensaiar me deixou bem ansiosa, mas eu queria viver isso. De início eu pensava em ser inovadora na cena, talvez explorar algo de ação a se fazer, jeito de dizer o texto, etc. Entretanto o que eu me satisfiz em fazer era em estar ali com meu corpo dilatado, em desequilíbrio, naquela casa anos 2000.”

Concluo este resumo fazendo referência ao pensamento da pesquisadora Eleonora Fabião, que sugere que a performer trabalhe conhecendo os corpos que a experiência da precariedade cria, ou seja, trabalhar com a precariedade neste espetáculo me possibilitou experimentar diferentes sensações e estados de atuação por um longo período dentro de cena. Não ter marcas ou direções no início parecia um desastre, mas durante os dias de apresentações, esse sentimento me atraiu e me permitiu ver que possivelmente eu gostaria de presenciar o desastre como desafio para a atuação. Penso que esse foi o princípio que me proporcionou estabelecer um nível de jogo mais intenso e prolongado com meus colegas, o que até então não havia tido a oportunidade de trabalhar.

**Palavras-chave:** Atuação, Precariedade, Laboratório, Experimentação.